

Sexualidade masculina: misterioso silêncio 2

Maria Virginia Filomena Cremasco Grassi¹
Maria Alves de Toledo Bruns²

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é buscar uma compreensão do fenômeno sexualidade masculina através da apreensão do que foi e tem sido mais significativo para os homens em seus relacionamentos afetivo sexuais. Os discursos foram submetidos à análise fenomenológica e as convergências evidenciaram que as experiências significativas comuns a todos os sujeitos foram: casamento, esposa, amante, amigos e filhos. Os homens se mostraram resistentes para falarem de si, com dificuldades em se realizarem dentro do casamento e superficialidade em suas amizades e encontros eróticos. Temem o envolvimento afetivo mais profundo, embora busquem a emoção da paixão na troca de parceiras. Distanciados de sua natureza anímica (princípio feminino de Eros) vivem mergulhados na inautenticidade de seus envolvimento amorosos que não os completam.

1. Psicóloga Clínica. mestranda em Psicologia da Educação na UNICAMP.

2. Professora Doutora do Departamento de Psicologia de Educação da F.F.C.L. - USP. Campus Ribeirão Preto.

Recebido em 07.06.95

Aprovado em 15.07.95

Unitermos: Sexualidade masculina, trajetória fenomenológica, envolvimento afetivos, inautenticidade.

SUMMARY

The objective of this research is the search for an understanding of the masculine sexuality phenomenon by means of identifying factors that have been most significant for men in their sexual-affective relationships. Their discourses were submitted to a phenomenological analysis and showed that items such as marriage, wife, lovers, friends and children were significant for all of the men interviewed. The men demonstrated resistances to talking about themselves, difficulties in their realizations within marriage and superficiality in their friendships and erotic encounters. They fear more profound affective involvements while searching for passionate emotion by changing sexual partners. Distance from their soul nature (Eros feminine principle) they live immersed in an inauthenticity of erotic relations that do not satisfy them

Key-words: Masculine sexuality, phenomenological analysis, affective involvements, unauthenticity.

INTRODUÇÃO

Este estudo vem responder às indagações que nos emergiram durante a pesquisa: "Mulher e Sexualidade: O Desejo da Continuidade" (BRUNS E GRASSI, 1993), na qual questionamos a sexualidade da mulher e nos foi revelado que, para sua auto-realização, busca um relacionamento contínuo, estável e único, ao lado do homem que lhe assegure ser amada e valorizada como mulher.

Se as mulheres estão buscando esses homens que lhes possibilitam um envolvimento profundo, o que eles buscam? Como está este personagem masculino diante dessa mulher mais independente e de tantas outras que desempenhem seus papéis entre o velho e o novo e que se confundem no cotidiano de nossas salas de TV? O que está sendo mais significativo hoje em seus relacionamentos afetivos e sexuais?

Essas indagações nos levaram a realizar uma pesquisa sobre a sexualidade masculina, procurando desvendar esse silêncio misterioso que perpassa a intimidade dos homens. Para tanto, caminhamos ao encontro do fenômeno sexualidade masculina, não nos preocupando em buscar relações causais ou explicativas, mas em chegar a uma compreensão por intermédio do rigor do pesquisar fenomenológico.

Pela ausência de bibliografia e estudos que enfoquem a sexualidade masculina sob um prisma ontológico, parece-nos muito significativas essas indagações nas quais podemos vislumbrar a compreensão do ser em sua totalidade. Os manuais de dicas de bom desempenho e sucesso sexuais em geral não nos falam realmente da intimidade masculina, suas dúvidas, buscas, medos, alegrias, etc.

Desse modo, movidas pelo desejo de compreender a intimidade masculina, com o intuito de desvelar o manto de silêncio que a encobre, lançamo-nos a esta pesquisa, questionando: o que é isto, sexualidade masculina?

OS SUJEITOS

Os sujeitos desta pesquisa constituíram um grupo de oito homens com idade entre 19 e 54 anos, pertencentes à classe média e o nível de escolaridade variou o 1º ao 3º graus. O que nos surpreendeu durante os contatos com os possíveis sujeitos foi a dificuldade de encontrar homens que se dispusessem a dar depoimentos pessoais.

Contudo, é importante ressaltar que todos que se dispuseram como voluntários se sentiram muito bem em poder falar o que pensavam e sentiam. Consideraram de extrema importância um trabalho que buscasse compreendê-los.

As entrevistas foram gravadas e medidas pela questão orientadora:

Fale de maneira livre e aberta a respeito do que, foi e que tem sido mais significativo em suas relações afetivas e sexuais.

Os depoimentos foram submetidos aos momentos de análise da trajetória fenomenológica.

TRAJETÓRIA FENOMENOLÓGICA

A palavra trajetória é a que melhor expressa o caminhar em busca da essência do fenômeno interrogado. O modo pelo qual seguiremos em direção ao fenômeno sexualidade masculina seguirá o rigor do pesquisar fenomenológico descrito no livro de Joel Martins - um *Enfoque Fenomenológico do Curriculum: Educação como Poíeses*. (MARTINS, 1992: 56-60).

MOMENTOS DE ANÁLISE FENOMENOLÓGICA

A Descrição: O primeiro aspecto do enfoque fenomenológico para conhecer o mundo está em *ir-à-coisa-inesina* e isto quer dizer focalizar, situar o que se deseja conhecer no mundo. Ao situar o fenômeno a ser visto e, conseqüentemente, a ser percebido, passa-se a descrevê-lo.

Situar o fenômeno significa colocá-lo “entre parênteses”, em suspensão (*epoché*). Realizar o *epoché* é colocar em suspensão as crenças sobre a existência do fenômeno. Após isto, o pesquisar fenomenológico consistira em descrever o fenômeno tão precisamente quanto possível, procurando abstrair-se de qualquer hipótese, pressuposto ou teoria.

A Redução: O objetivo é possibilitar o reconhecimento dos momentos do discurso do sujeito que são considerados significativos a aqueles que não são. O resultado da redução é um conjunto de asserções significativas para o pesquisador e que apontam para a experiência do sujeito, para a consciência, que este tem do fenômeno.

A Compreensão Fenomenológica: como toda compreensão envolve sempre um interpretação, é uma tentativa de especificar o “significado-que é essencial na descrição e na redução, como uma forma de investigação da experiência.

AS UNIDADES DE SIGNIFICADO

Cada sujeito recebeu um pseudônimo para que suas identidades pessoais e privacidade pudessem ser preservadas, mantendo-se o sigilo ético de um trabalho científico. Desta forma entraremos em contato com depoimentos de: “magro”, “loiro”, “paulista”, “bacuri”, “pintor”, “alemão”, “moreno” e “ruivo”.

1ª UNIDADE SIGNIFICATIVA: O que pensam da mulher de hoje?

Moreno, 54 anos:

“Com o patriarcado, a mulher sempre, foi muito submissa aos machões. Agora, felizmente, as mulheres estão se colocando em, igualdade de situações. Eu acho que o homem e a mulher têm a mesma cabeça e o mesmo sentimento”.

Bacuri, 25 anos:

“As mulheres parecem que “tão “ avançando cada vez mais, os homens vão ficando para trás. Hoje em dia as mulheres ganham espaço na sociedade, em qualquer lugar. Você vê, uns anos atrás, ela chegava num bar; todo mundo olhava, ‘ah, e vagabunda!’. Hoje, não, elas entram em

qualquer bar da vida, compram um cigarro, bebem uma cerveja. Cada vez mais espaço tem para as mulheres”.

“Mas hoje tá mais prá mulher caçar homem do que o homem caçar a mulher. Prá mulher sempre foi mais fácil. É verdade. Mulher dá um sorriso assim tal, os homens já caem de ‘chaveco’, mas pro homem fica mais difícil. O homem tem que ter muita cara de pau “.

Loiro, 32 anos:

“Dizem que a mulher precisa gostar um pouco prá sair com outro homem e então se ela é casada, o casamento acaba aí. Mas as mulheres que saem comigo não precisam disso e são mulheres casadas. Por isso eu sempre achei papo furado isso de elas precisarem de envolvimento para saírem”.

2ª UNIDADE SIGNIFICATIVA: Os amigos

Magro, 30 anos:

“Mulher é diferente, conversa sobre se gostou do cara do baile de sábado. Os homens, não, é o contrário, só querem falar do carro(...) é desse jeito, conversa quase sempre de serviço. Rolar papo de mulherada é normal também, senão não tem jeito”.

Bacuri, 25 anos:

“Você chama um amigo prá tomar uma cerveja, aí começa a tomar a primeira, a segunda, daí começa a rolar os papos. A primeira é prá dar o paladar; a segunda já começa falar de histórias que aconteceu, que vai acontecer. E também o cara tem que se sentir bem com o amigo, né, porque o cara não vai chamar um estranho prá tomar cerveja e falar de suas intimidades, né?”

Loiro, 32 anos:

“A conversa com os amigos é tão necessária como ser católico e comungar aos domingos. Eu vejo como uma comunhão. Eu sento numa banquetta, encosto o cotovelo sagrado no sagrado balcão, pego um, sagrado copo de bebida e a conversa rola, tudo. Sobre o que estaria pensando, o que eu posso pensar, as vontades que eu tenho. “

“Eu era solitário à noite, não tinha com quem participar”.

3ª UNIDADE SIGNIFICATIVA: O Enamoramento

Magro, 30 anos, casado:

“Quando eu “sou” muito apaixonado eu não saio com outra, não tem jeito“.

Bacuri, 25 anos, solteiro:

“Se eu ‘tou’ com uma mulher; ligado nela, nem olho pra outra. Quer dizer finjo que não olho, né? Você tem que olhar com bons olhos, prá apreciar mas. não saio, sinceramente, não saio”.

Alemão, 19 anos, mora junto com a namorada:

“Quando alguém te completa, você ama, você não quer outra nem pensa em outras”,

Moreno, 54 anos, viúvo:

“Na verdade, eu acho que quando a gente ama não precisa das paixões, das aventuras, a gente vive sem elas “.

Loiro, 32 anos, casado:

“Me envolvendo com alguém eu vou querer estar só com essa pessoa. As noitadas deixam de ter sentido “.

Paulista, 20 anos, solteiro:

“Quando você se apaixona, é tudo novo, divertido. No começo você só quer ficar com a pessoa, o tempo todo. Não entendo por que acaba. Daí, parece que você já conhece tudo, e não tem mais graça “.

Pintor, 48 anos, casado:

“Se você ama é que é importante. Se você ama não vai querer magoar o outro, mas sempre vão querer sentar e conversar juntos, mas sempre vão querer continuar juntos”.

Ruivo, 35 anos, casado:

“Quando estou apaixonado, quero-a em todos os instantes do meu lado, dormindo, comendo, tomando banho, assistindo TV. Poder fazer amor todas as horas”.

4ª UNIDADE SIGNIFICATIVA: Filhos: Alegrias Pesares - Projeções do Ontem no Hoje.

Loiro, 32 anos:

“Eu sempre, fui daqueles que, falavam que casamento não segura ninguém, filho também não. É mentira. Hoje eu vejo que é mentira. Segura sim. Filho prá mim, foi eu relembrar meu pai comigo que hoje eu não tenho. Marcou e marca a falta do meu pai”.

Magro, 30 anos:

“Paixão prá mim são os meus baixinhos. São tudo prá mim. Eu amo meus filhos e faria qualquer coisa por eles. Eu trago as fotos deles comigo”.

Alemão, 19 anos:

“Eu vou ensinar tudo o que eu aprendi na vida sozinho pro meu filho. Eu vou ensinar desde não dar carada, não dar fora, prá que ele não passe o que eu passei. Prá eles terem uma experiência um pouco melhor que eu tive “.

Ruivo 35 anos:

“Quando eu olho para aquela coisinha me dá vontade de chorar. É tudo tão perfeito. Não imagino mais minha vida sem meu filho. Você suporta qualquer coisa por eles; eu não o abandonaria por dificuldade nenhuma”.

5ª UNIDADE SIGNIFICATIVA: A Instituição Conjugal

Loiro, 32 anos, casado:

“A vida doméstica, sinceramente, é horrível. Não falo prá ninguém, mas é horrível. Se não estivéssemos em outra situação, que não confidência como esta entrevista, eu até diria ‘é boa, dá prá levar é importante’. Muita gente fala de casamento, ‘casamento é isto, bom, você consegue mais coisas,’ não é verdade. Eu não queria casar (...). Prá mim, foi difícil. O meu espaço passou a ser organizado por outra pessoa. Até um vasilhinho que foi trocado de lugar me deixava nervoso, eu fui obrigado a trocar todos os móveis da casa. Quatro paredes realmente é ‘foda’, é duro”.

Paulista, 20 anos, solteiro:

“Eu acho que nunca vou me casar Eu não entendo como duas pessoas que estão juntas há anos ainda têm vontade de fazer amor, carinho. Depois de um tempo, todo dia, a emoção acaba”.

Moreno, 54 anos, viúvo:

“Casamento é um acostumar enquanto valor positivo, que vem de uma certa flexibilidade. Você ceder um pouco, a pessoa ceder um pouco. Não é sujeição, mas um acordo mútuo, onde as coisas não te violentam. Quando violenta, a pessoa pode aceitar isso até um determinado tempo, mas então você deixa de fazer alguma coisa, engole um ‘sapo’, amanhã ou depois, vem outro, chega uma hora que você não está mais disposto. Aí, o casamento acaba”.

Magro, 30 anos, casado:

“Eu sou casado, gosto de sair prá uma bagunça, mas eu não, não sei, todo mundo tem um destino, casar como eu casei, mas se eu fosse solteiro era mais legal ainda, mais bacana “.

Alemão, 19 anos, mora com a namorada:

“Aí a coisa chega naquela ,fase em que tudo que você faz não tem graça, eu queria arrumar alguém prá ficar junto, mais não achava ninguém. Acho que eu queria casar”.

Ruivo, 35 anos, casado:

“Eu queria viver algo diferente no casamento prá ela e para mim, mas é impossível e tem o ciúme dela, a insegurança. Só se saíssemos do país longe de tudo, mas é difícil”.

6ª UNIDADE SIGNIFICATIVA: A Esposa e as Outras

Magro, 30 anos, casado:

“A paixão que fica fundo mesmo é a de casa. Eu saio prá passear farrear, mas não sou daquele que corro atrás de qualquer uma. O principal é o que está em casa”.

Loiro, 32 anos, casado:

“É fácil falar que o homem gosta de dez mulheres e volta prá casa amando sua esposa. Porque é realmente, fácil, é muito fácil pro homem isso.

Eu não largo minha esposa porque tem uma outra vida mais gostosa, não. Porque eu não deixo de ter essa vida gostosa. Tou magoando? Se eu magoei, até hoje se ela analisou bem, não houve consequência conjugal”.

Paulista, 20 anos, solteiro:

“Eu acho que com a mulher depois de um tempo, todo dia, a emoção acaba. Aí você, fica achando que qualquer outra seria melhor”.

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DAS UNIDADES SIGNIFICATIVAS

O que se mostra através dos depoimentos desses homens/que se dispuseram a falar de si mesmos, é que a sexualidade não é apenas um vasto tema, cheio de nuances, mas algo inesgotavelmente rico e que nos remete ao mais profundo de nós mesmo.

Nesse momento da pesquisa não percebemos que ela não chegou ao fim. Não somente por não buscarmos conclusões Fixas ou “verdades” sobre o fenômeno sexualidade masculina e som, uma compreensão; mas sobretudo porque o fenômeno em si clama por um entendimento cada vez maior e reclama a falta de estudos qualitativos que enfoquem o sentido ontológico da sexualidade humana.

Ao retornarmos as unidades significativas, devemos compreendê-los, nesse momento, como os temas existenciais comuns que estão presentes nos relatos desses oito homens. Os sub-títulos atribuídos a este conjunto de unidades de significados nos revelam as convergências temáticas que estiveram presentes nos depoimentos como um todo, mas se voltarmos

nossa atenção ao que cada sujeito relata, percebemos a riqueza de cada experiência individual, distinta em si por suas unicidade. É como se nesse momento da pesquisa cada um participasse do todo, mas com suas vivências únicas e exclusivas. Apartir disto, notamos que embora ester homers tenham diferentes idades Centre 19 e 54 anos), vivenciaram temas existenciais comuns em sues vidas, que estiveram significativamente presenter no decorrer de sue anos vividos, a isto os aproxima.

Mas, e as idéias, as opiniões, o modo como vivenciaram suns emoções? Será que tom o passer dos anos a temporalidade diferencia o homem que nasceu na década de 30 do que nasceu na e 70, quarto ao que pensam sobre seus envolvimento afetivo-sexuais? Sem dúvida, 40 anos de história podem significar muitas mudanças principal mente, se pensarmos que os anos 60, tom a “Revolução Sexual”, estiveram nessa cronologia. Contudo, não foi exatamente o que percebemos nos depoimentos.

Algumas formas de agir, parecem arraigadas a estes homens como um “modelo de comportamento”, configurando assim “estruturas psíquicas dotadas de forte densidade emocional”, como são os arquétipos (QUALLS CORBETT, 1990:17). Assim podemos identificar a analisaremos adiante, os mesmos modelos de pai, marido, conquistador a apaixonado reeditados por muitos anos em nossa história. Contudo, algumas toiler aparecem ester paulatinamente se reformulando, como a visão que alguns têm da mulher de hoje da unidade: as mulheres de hoje). *“Os papéis e as funções do homem e da mulher estão sendo reexaminadas. Ao mesmo tempo, tanto o homem como a mulher procuram uma melhor compreensão de si mesmos. As definições antigas, que os percebem de uma maneira unilateral e esterotipada, são insatisfatórias”* (CAVALCANTI, 1990:15). Aqui poderíamos apenas fazer uma ressalva, como *“alguns homens estão reexaminando seus papéis”*, senão estaríamos nos tornando surdos ao que podemos ouvir todos os dies sobre a ‘violência física e emocional que muitos homens submetem as mulheres. Encontramos sempre uma representante do sexo feminino disposta a desabafar as desilusões ao encontrar mais de um conquistador (“serial lover”) que julgava poder lhe ser um companheiro.

Se, efetivamente, ainda não podemos falar em unia modificação da visão masculina, podemos afirmar que os homens estão perplexos diante dessa “nova” mulher que se coloca mais ativa e participante em todos os setores da vida. Muitos concordam, outros não. Mas parece que a maior facilidade de acesso ao objeto de prazer sexual hoje em die lhes agrada, principalmente, por lhes tirar a responsabilidade de um vínculo mais duradouro. Não é mais a “vagabunda” de periferia ao qual tinham que pagar para lhes dar prazer. A chamada “liberdade sexual” aproxima homens e mulheres que se lançam à “caça”. Muito sexo, pouca cumplicidade, como nos tempos de prostíbulos (embora ainda existam, e bastante fre-

qüentados). Poderíamos até dizer, no geral, que pouca coisa mudou, além da decoração do quarto não tem luz colorida. Fato é que se a sexualidade que homens e mulheres experimentam por aí fosse fruto da liberdade que conquistaram, não se sentiriam tão presos ao vazio da falta de significado depois do ato. E o homem já começa a perceber que a mulher também pode fazer o jogo do prazer sem envolvimento (Loiro: "*as mulheres rão precisam de envolvimento para saírem*") é claro, isso assusta.

A busca pela realização é uma conquista para todos nós, mas parece que a ideologia social de felicidade ensinada aos homens e às mulheres não lhes facilitou o caminho para se encontrarem mais autenticamente.

Em de nossa cultura ocidental consumista, somos lançados ao mundo alienados do Ser, mas com a função produtiva do prazer. Para a maximização do realizar produtivamente, somos desviados, desde muito cedo, daquilo que nos pode gerar prazer sem algum benefício social. Perdemos o contato com o nosso próprio corpo e não o reconhecemos como totalidade criativa no contato com o outro. Tornamo-nos seres fragmentados a buscar o outro, que se encontra da mesma forma, no podendo repartir o que não conhece de si mesmo.

A sexualidade, enquanto comunicação significativa entre os corpos inteiros (de seres que sentem), se torna genitalizada e fragmentada nos breves espaços de tempo que o social determina como "diversão". O "tast-food" diurno para a falta de tempo corresponde ao alívio genital breve dos encontros que podemos assistir por aí entre os homens e mulheres das mais diversas classes sociais.

Mas a própria sociedade cria os meios para que não nos sintamos insatisfeitos com o massacre do cotidiano produtivo e ainda tenhamos a ilusão prazerosa de "realização". A mídia capitalista nos oferece os mais diversos produtos para acreditarmos na felicidade de consumir. A família nuclear aparece como risonha, unida, transportando felicidade calma e dessexuada. A sexualidade é colocada como estéril, programada e disciplinada. Ao mesmo tempo, o proibido nos é oferecido a todo instante, os motéis, as drogas, as "fugas", o pornográfico, o álcool, o fumo, realizações para todas as fantasias. E tudo ali, junto, no mesmo comercia da novela das oito. É fascinante. É tudo tão velado e tão "escancarado". Ao mesmo tempo que, se prestarmos atenção, diríamos até que a lógica racional humana deixou de existir para vivermos adormecidos dos sentidos (aqueles que não pensam).

Adormecidos, participamos da grande irmandade social e não nos sentimos nós. Tornamo-nos iguais a todos até nas roupas, sapatos, cabelos. Não nos distanciamos, e afastamos assim o medo e o mal-estar da solidão.

Assumidos, então, as possibilidades oferecidas pelos "OUTROS" como modos, de ser próprios e tornamo-nos inautênticos.

Analisando Heidegger em sua tese, Menezes Jr. (1987) fala que a manifestação mais ostensiva desse ser inautêntico que nos tornamos é a "tagarelice", o "bate-papo". Assim, não há comunicação, troca, mas um mero "*passar palavras adiante*".

Buber (1977), em sua ontologia da palavra, atribui a ela o sentido de "portadora do ser". É por seu intermédio que o homem se introduz na existência. Não é o homem que conduz a palavra, mas é ela que o mantém no ser, ou seja, é ela que revela o SER. Desta forma, a comunicação inautêntica, rouba da palavra o verdadeiro sentido, tornando-a vazia, mero instrumento de contato possoa;.

É o que Garfinkel (1985) fala em seu livro sobre as "conversas insípidas" entre os homens, onde não há troca e os sentimentos permanecem como segredos dentro deles mesmos. As palavras ladeam a superfície de águas agitadas, e nunca mergulham nelas, perpetuando, assim, a "pseudo-intimidade" das amizades masculinas (2ª unidade: "os amigos").

Nos depoimentos desses homens, ao voltarmos nossa atenção ao que subtilmente foi dito, percebemos a necessidade que sentem do contato com o outro, da troca, das amizades. Atinal, é na relação que nos descobrimos sendo. Contudo, o contato estabelecido é superficial e muitas vezes insuficiente para despistar a solidão que reclama ao corpo, então, mas um copo de cerveja. Aliás, entre as amizades masculinas é comum a presença do álcool propiciando, um adormecimento e relaxamento dos sentidos, movendo à união e ao desabafo.

Whitmont (1990) relata que o mundo de Dionísio (deus do vinho na mitologia clássica) exerce uma fascinação vinda do inconsciente que nos leva muitas vezes à promiscuidade e também ao álcool e às drogas. Somos atraídos por uma "força", um deus que nos fascina, inconscientemente. O álcool facilitaria o caminho à procura do espírito (*espirituais vini*), impelindo a buscar uma forma do espírito a ser encontrada no mundo de Dionísio, o deus da renovação, através da luz que vem de buixo, mais da terra que do céu, revela simbolicamente a necessidade de encontrar vida e significado nos êxtases e terrores, nas belezas e agonias deste mundo concreto, não apenas no reino do espírito abstrato e remoto, como geralmente se entende.

Se nos permitirmos penetrar nesse mundo dionisíaco, poderíamos encontrar uma compreensão simbólica para o fascínio que a bebida exerce em muitos homens. E o que vemos nos depoimentos onde muitas vezes é a cerveja e não as mulheres ("uma mulher não te ouve". Loiro - 2ª unidade: "os amigos") que é a companheira que os levam às profundezas de si mesmos, e a falar um pouco mais de si, desabafarem e a se soltarem mais. Muitas mulheres gostariam que as confissões dos homens embriagados fossem o diálogo do dia seguinte.

Existe um outro estado no qual o homem compartilha da divindade, mergulhando em sentimentos e emoções mais profundas. É no enamoramento que o sujeito participa da experiência extraordinária força revolucionária de Eros, que originou, como estado nascente, a sacralidade e o mito. Por isso que a pessoa enamorada, para se exprimir, só consegue através da linguagem da poesia, da sacralidade e do mito. A linguagem poética exprime o extraordinário e o excepcional do movimento de transformação que é o enamoramento (3ª unidade: “o enamoramento”).

Enamorados, homem e mulheres se aproximam para vivenciarem o eterno, contínuo, o estar junto, o único. É o que revelam os depoimentos dos sujeitos, Para Alberom (1988:233), “o grande erotismo é possível somente entre um único homem e uma única mulher que levam ao extremo o que é específico do próprio sexo e do sexo do outro”. Estando apaixonados, e somente sob luz desse estado nascente, é que homens reconhecem o que esse autor diz, que “cem pessoas são menos concretas, menos vivas, menos intensas do que as diversas aparições de uma mesma pessoa”. (op. cit. 127)

Contudo, esse estado nascente é, por definição, transitório. É como se não nos fosse possível pisar no mundo dos deuses a desfrutar da felicidade paradisíaca por toda a vida. Quando tudo é paixão, felicidade, é também tormento, espasmo, desejo e queremos que se torne, então, tranqüilidade, paz, serenidade.

No entanto, para transformá-lo, muitas pessoas não conseguem a paz “enquanto não transformam o ser esplendoroso de seu amor em algo definido, limitado e controlável, enquanto não fazem da pessoa amada um animal doméstico. O preço, porém, é o fim do enamoramento e o desaparecimento do êxtase”. (ALBERONI, 1990:3)

Esse término “bem-sucedido”, é o amor e a instituição - o casamento, os filhos. Quando nascem os filhos o enamoramento se esvai, para ambos se desdobrarem na adoração de um deus nascente-, fora deles (estado de-beatitude da beleza dos filhos - 4ª unidade: “os filhos”). A exclusividade que o filho exige é incompatível com o enamoramento e também fortalece a união do casal e estabiliza o amor. Tudo muda. A estrutura instável da paixão é sucedida por outra, permanente. É o que vemos nos depoimentos desses homens, em que a família passa a lhes representar a instituição estável com os filhos.

Sentem-se seguros, satisfeitos e felizes em perpetuar e zelar pela unidade doméstica que formaram e que lhes possibilita viver papéis sociais definidos. Os arquétipos de pai e marido, sustentador do lar, definem de forma inquestionável, aquilo que eles devem realizar socialmente. Daí, espera-se de todos que a partir de certa idade, constituam suas famílias e contribuam para a sociedade educando seus filhos do acordo com os padrões morais estabelecidos.

O final seria "...viveram felizes para sempre- se a vida cotidiana de todos nós não se caracterizasse pelo desencanto. Temos sempre muito a fazer e pouco tempo... Muita pressão para que tudo que nos é dito como prioritário seja realizado o mais rápido possível. Sobra-nos pouco espaço a tempo para o prazer, a troca, a relação. Aliás, para o tempo que nos resta já nos é ensinado como nos divertir: assistir TV, ir ao cinema, a um bar, etc. Alguém pode imaginar se divertir sem os artifícios sociais colocados à disposição? Difícil. Estamos sedados nos sentidos e no pensar autêntico e, como não inventaram nada melhor para colocarem no lugar, reproduzimos o social e assim, caímos na tranqüilidade serena e monótona que pode ser transformar o casamento (5ª unidade: "Instituição Conjugal").

Ao falarem sobre casamento, os sujeitos desabafam uma grande insatisfação parece que "nunca nos sentimos totalmente compreendidos, nunca temos uma satisfação profunda, nunca nossos desejos e os dos outros se combinam perfeitamente. É um estado que nos parece sempre passageiro, que julgamos impossível continuar assim, estúpido, rancoroso. Entretanto, continua durante anos e anos afora. São anos tristes em que ficamos à espera não sabemos bem do que. São anos de desencanto permanente; anos sem história, sem felicidade verdadeira; anos que "vamos vivendo". (ALBERONI, 1990:87)

Apesar de insatisfeitos, até que hoje não conhecemos algo a ser vivido no lugar da instituição matrimonial e mantemos o "núcleo familiar isolado, frustrado, ordenado, submisso, produtivo e consumidor". (BERNARDI, 1985:87). No entanto, essa mesma sociedade moralista que nos obriga à fidelidade conjugal para respeito a perpetuação do matrimônio, oferece-nos os mais diversos meios de obter prazeres ilícitos, sem compromissos. Isto é o matrimônio, sentenciase-se, precisa ser salvo a qualquer custo. Se a esposa, dessexualizada pela rotina doméstica, ou decomposta pela gravidez, ou ancorada no reino moralista, não está disponível para satisfazer as exigências maritais, não há o que temer: uma escapadinha até o edifício adequado resolve tudo". (BERNARDI, 1985:96)

O desprazer e a rotina vivenciados dentro do lar são facilmente compensados com os vários -produtos" oferecidos pelo mercado. Desde que as relações extramaritais (6ª unidade: "A esposa e as outras") não ameacem a solidez do lar. Para a razão masculina que, mergulhada no mundo prático e concreto, tem medo do envolvimento afetivo e da complicidade do entregar se, continuar reproduzindo a ideologia dominante institucional, parece se mais simples. É prazeroso. Embora o prazer venha desprovido de significado.

"Governado apenas pela posição masculina consciente, o homem perde o contato com a sua alma. O princípio de Eros, o sentimento da relação deixa de ser operativo: conseqüentemente, o homem permanece

desligado incapaz de experimentar tanto suas próprias emoções quanto a sua natureza espiritual” - (QUALLS - CORBETT, 1990: 124 - 125). Como também diz Alberoni “O homem não se dá. Sente-se arrastado por uma força interior contra a qual luta, à qual procura resistir. É como um prisioneiro que anseia pela fuga”. E muitos homens continuam a fugir; das emoções sinceras, do e entregar-se, e de si mesmos. Temem que, mergulhados no imenso desconhecido mundo anímico da intimidade erótica, destruam-se ao não possuírom mais controle racional de si mesmos. O estado nascente é visto como algo externo a eles que os invade, que destrói suas vontades, suas liberdades e então procuram defender-se daquilo que lhes rouba a razão e o controle.

Reproduzindo os papéis de guardião do lar, profissional, galanteador, o homem nunca tem tempo de olhar para si, de angustiar-se com a existência inautêntica, e de se sentir só.

Para Heidegger (in MENEZES JR., 1987), o processo de conquista da autenticidade se inicia com a angústia, enquanto um *"estado de ânimo"* experiência única, que nos anuncia a incompletude, a mundanidade bruta, nossa estranheza de nós mesmos. Nesse momento de angústia, o mundo e as coisas passam a ser insignificantes, sem sentido. O que pensávamos compreender de nós e que estava projetado nas coisas, também se esvai. Rompida a ligação inautêntica com o mundo e os outros, destruído o sentido de "eu" é que tínhamos, as projeções retornam a nós e podemos então, a partir desse momento, perceber as possibilidades de escolhas mais autênticas.

A angústia portanto, como “instrumento” de libertação do homem da inautenticidade que vive, nunca ocorrerá só. “É a compreensão do 'ser para a morte', retirado do mundo, que poderá ouvir a voz da consciência”. (MENEZES JR., 1987:65)

O simbolismo da morte visto sob a perspectiva da psicologia junguiana é o que retrata o caminho do homem à individuação, que lhe traz à consciência os valores perdidos da psique e sua potencialidade criadora. Nesta visão, o homem atual, embora mudanças estejam ocorrendo, permanece muito afastado de sua natureza anímica contínua, permeada de sentimentos e emoções.

A natureza feminina é pouco reconhecida no homem e permanece adormecida, tornando-o, inseguro, frio, distante, rancoroso. O homem teme esse lado misterioso que abriga em seu ser e muitas vezes para exorcizá-lo, ama-o ou odeia-o projetado nos seus relacionamentos com homossexuais.

A AIDS está nos mostrando que o número de bissexuais em nossa sociedade é mais significativo do que nossa moral social imagina. Não temos a pretensão de analisarmos, neste trabalho, a homossexualidade, mas importante se faz atentar para o significacto dela para a vida de homens e de mulheres.

Ao mesmo tempo é o contato com sua natureza feminina que lava o homem a libertar-se das amarras racionais do mundo lógico que pode lhe trazer sucesso profissional, mas afasta-o de seu lado desconhecido, ligado ao mundo das emoções, sensual e erótico (de Eros, o deus do poder criativo, da sexualidade).

O caminho da integração da natureza feminina no mundo racional masculino pode ser angustiante para os homens por lhes ser desconhecido.

Talvez o reconhecimento da força transformadora de entrega emocional nos relacionamentos seja, para os homens, um primeiro passo neste caminhar. Não sem dor, mas também não sem prazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALBERONI, F.: O erotismo. 2ª ed. Editora Rocco. RJ. 1988.
2. _____: Enamoramento e amor. 6ª ed. Editora Rocco, RJ, 1990.
3. _____: O vó nupcial. Ed. Rocco, RJ, 1993.
4. BERNARDI, M.: A deseducação sexual. Editora Summus, SP, 1985.
5. BRUNS, M. A. T. e GRASSI, M. V. F. C.: Mulher e sexualidade: o desejo da continuidade". Revista Brasileira de Sexualidade Humana. Editora Iglu, vol. VI, no 1, SP, 1993.
6. BUBER, M.: Eu e tu. 2ª ed.. Editora Marcus. SP. 1977.
7. CAVALCANTI, R.: O casamento do sol com a lua. Editora Cultrix' SP' 1990.
8. GARFINKEL, P.: No mundo dos homens. Editora Melhoramentos, SP. 1985.
9. MARTINS, J.: Um enfoque fenomenológico do curriculum: educação como Poíeses. Editora Cortez, SP, 1992.
10. MENEZES JR., A.: A conquista da autenticidade em Heidegger. Tese de mestrado da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.
11. QUALLS-CORBETT' N.: A prostituta sagrada - A faca eterna do feminino. Edições Paulistas-SP, 1990.
12. WHITMONT E. C.: A busca do símbolo. Editora Cultrix, SP. 1990.